

Thetis, a montanha e as moscas*

Samuel Albuquerque**

Resumo

Este artigo estuda a recepção crítica ao legado historiográfico de Maria Thetis Nunes (1923-2009). Para tanto, busquei dialogar com autores como Amâncio Cardoso (2004 e 2006), Jorge Carvalho do Nascimento (2003), Itamar Freitas de Oliveira (2007) e Antônio Fernando de Araújo Sá (2011), bem como fazer uso de conceitos e interpretações difundidas pelo sociólogo Norbert Elias, notadamente na obra *Sobre o tempo* (1998).

Palavras-chave: Maria Thetis Nunes, historiografia, recepção crítica.

* Texto-base da conferência realizada em 04 de abril de 2023, no Centro de Excelência Atheneu Sergipense, durante o Ciclo de Conferências *Centenário de Maria Thetis Nunes*, evento realizado pela Academia de Letras de Aracaju (ALA), pelo Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS), pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e pelo Atheneu.

** Professor do Departamento de História da UFS, historiador, autor de estudos sobre a história e a historiografia brasileira e sergipana, com ênfase no século XIX. Sócio e ex-presidente do IHGSE e sócio do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano e da Sociedade Brasileira de Estudos do Oitocentos.

Thetis, the mountain and the flies

Thetis, la montaña y las moscas

Abstract

This article studies the critical reception to the historiographical legacy of Maria Thetis Nunes (1923-2009). Therefore, I sought to dialogue with authors such as Amâncio Cardoso (2004 and 2006), Jorge Carvalho do Nascimento (2003), Itamar Freitas de Oliveira (2007) and Antônio Fernando de Araújo Sá (2011), as well as making use of concepts and interpretations disseminated by sociologist Norbert Elias, notably in *Sobre o tempo* (1998).

Keywords: Maria Thetis Nunes, historiography, critical reception.

Resumen

Este artículo estudia la recepción crítica del legado historiográfico de Maria Thetis Nunes (1923-2009). Por lo tanto, busqué dialogar con autores como Amâncio Cardoso (2004 y 2006), Jorge Carvalho do Nascimento (2003), Itamar Freitas de Oliveira (2007) y Antônio Fernando de Araújo Sá (2011), además de hacer uso de conceptos e interpretaciones difundidas por el sociólogo Norbert Elias, especialmente en *Sobre o tempo* (1998).

Palabras clave: Maria Thetis Nunes, historiografía, recepción crítica.



Celebramos, neste ano de 2023, o centenário da historiadora Maria Thetis Nunes (1923-2009). Por conta dessa efeméride, tenho tomado parte em muitos eventos e ouvido belos testemunhos de intelectuais que conviveram de perto com a homenageada. Não faço parte desse seleta grupo. Minha experiência pessoal com Thetis foi rarefeita.

Quando ingressei no Curso de História da UFS, em fins dos anos 1990, Thetis já havia se aposentado. Esparsamente, em eventos acadêmicos, observava de longe a renomada historiadora. Adorava o uso estratégico que, nessas ocasiões, ela fazia dos óculos escuros. Em momentos enfadonhos para todos nós, lá estava Thetis: impávida e escudada pelos óculos escuros, que disfarçavam seu desinteresse e até alguns cochilos. Imito-a desde então.

Quando passei a frequentar e, depois, tornei-me sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, em meados dos anos 2000, Thetis já havia se aposentado, também, da presidência do IHGSE, onde estive por mais de três décadas. Mas, ao menos em duas ocasiões, pude estabelecer um contato mais estreito com ela.

A primeira dessas ocasiões esteve ligada à produção do documentário *Ecossistema da Segunda Guerra Mundial em Sergipe*, que desenvolvi com alguns colegas de turma, para uma disciplina que cursávamos no Departamento de História da UFS, nos idos de 2003.

Com o apoio da equipe do antigo Centro Editorial e Audiovisual (CEAV) da UFS, gravamos a entrevista com Thetis na sala da presidência do IHGSE. O historiador Ibarê Dantas já era, de fato e de direito, presidente da “Casa de Sergipe”. Ainda assim, colhemos o testemunho no pequeno gabinete. O ambiente era lúgubre, pesado, quente. Jamais imaginaria que, alguns anos depois, estaria aboletado do outro lado da mesa daquela sala, presidindo o Instituto.

Como já previa, pelo que dela ouvira falar, fomos tratados com educação e distância. Calor humano em abundância, somente o dos nossos corpos jovens, em decorrência da temperatura do ambiente. Thetis já estava cansada, na aparência e no ânimo. Foi minha percepção.

Passados alguns meses, ainda em 2003, uma grata surpresa. Tornei-me frequentador do Conselho Estadual de Cultura, na Bi-



biblioteca Pública Epifânio Dória. Foram muitas e muitas tardes, lendo e transcrevendo um raro documento que estudei em minha monografia de graduação, sob a orientação da professora Terezinha Oliva (mestra e amiga desde àqueles tempos).

O referido documento estava sob a guarda da senhora Ana Luíza Ribeiro Garcez, secretária do Conselho, que, com atenção e interesse, supervisionava minha labuta. Thetis aparecia sempre por lá. Tinha assento no Conselho. Sempre me observava. Certa feita, não conteve sua curiosidade diante do rapaz silencioso que lia e transcrevia um manuscrito antigo e perguntou o que tanto eu fazia ali.

Tornei a me apresentar. Conteí-lhe da minha pesquisa com Terezinha. Dessa vez, Thetis foi simpática e até acolhedora. Ouviu tudo com atenção e, de quebra, disse-me: “então foi você que escreveu sobre a preceptora alemã do Escurial. Li o texto que publicou no jornal. Gostei muito”. Ela se referia ao artigo *A missão de uma educadora alemã em Sergipe*, que, semanas antes, havia circulado na imprensa.

Naquela tarde, deixei o Conselho Estadual de Cultura com o corpo amiudado em relação ao ego. As palavras de Thetis foram, na verdade, uma grande dose de estímulo ao aprendiz de historiador. Mas, seja como for, meu contato efetivo deu-se não com a historiadora, mas com sua obra.

Ainda na graduação, mas já mirando o mestrado em Educação, fui estimulado pelo professor Jorge Carvalho do Nascimento a ler a *História da Educação em Sergipe* (1984). Foi meu primeiro contato relevante com a historiografia de Thetis. Desde então, tornei-me um leitor atento de todos os seus trabalhos.

A partir de 2007, primeiro como professor contratado de uma faculdade particular e, depois, como professor efetivo da UFS, passei a trabalhar com disciplinas de História de Sergipe. No *campus* de Laranjeiras, já se vão 15 anos ministrando as disciplinas História de Sergipe I e História de Sergipe II. Isso explica, em grande medida, meu apego ao legado intelectual de Thetis.

Em 2021, em pleno isolamento pandêmico, publiquei pela Editora UFS (e sob o patrocínio da Lei Aldir Blanc) o livro *Felisbela*,

Thetis e Ibarê: contribuição aos estudos de História da historiografia. Na segunda parte da obra, editei uma série de artigos que, em 2017, havia publicado na imprensa, pondo em revista a obra de Thetis. Assim, facilitaria a vida dos meus alunos (e a minha, também), reunindo em livro os desdobramentos das minhas notas de aulas.

Porém, não quis chover no molhado e repetir, aqui, o que já está impresso e divulgado no livro de 2021. Lembrei-me de um texto ainda inédito, intitulado *Thetis, a montanha e as moscas*, que jazia inconcluso desde maio de 2014, quando apresentei sua primeira versão em uma palestra do Ciclo de Estudos de História da Literatura Sergipana, evento promovido pelos departamentos de História e Letras da UFS e pela Academia Sergipana de Letras, no auditório da Sociedade Médica de Sergipe – SOMESE.

Reescrevendo-o, decidi dedicá-lo (e o faço agora) a um grande amigo de Thetis, um grande amigo meu também, que, certamente, se emocionaria com as homenagens que estão sendo feitas. Refiro-me ao querido Luiz Fernando Ribeiro Soutelo, ausência tão sentida nas celebrações de agora.

Considero Maria Thetis Nunes uma eleita. Sua obra está vivíssima, como atestam as reedições levadas a cabo pela Editora SEDUC em fins do ano passado. Além disso, já há duas gerações, sua vida tem sido objeto de estudo de renomados intelectuais. Esse flagrante interesse pela biografia de Thetis fica ainda mais evidente se comparado, por exemplo, àquele dedicado a outro grande historiador sergipano: Felisbello Firmo de Oliveira Freire (1858-1916), considerado o pai da historiografia sergipana, autor da monumental *História de Sergipe* (1891).

Até hoje, passados mais de cem anos da morte de Felisbello, o que há de mais importante sobre sua biografia está no verbete a ele dedicado no *Dicionário biobibliográfico sergipano* (1925), de Armindo Guaraná. Uma ou outra achega foi acrescida por autores como Bonifácio Fortes (1958), Genolino Amado (1977), Ibarê Dantas (2009), Francisco José Alves (2010) e Samuel Albuquerque (2021). Todavia, o verbete do dicionário de Armindo continua sendo a principal narrativa biográfica sobre o “Doutor Felisbello”.

Thetis, por sua vez, teve sua biografia (ou partes substanciais dela) iluminada por trabalhos importantes, da lavra de historiadores como Maria Nely Santos (1999), Ibarê Dantas (2009) e João Paulo Gama Oliveira (2013 e 2015); e de museólogos como Clóvis Carvalho Britto, Roberto Fernandes dos Santos Júnior e Rafael Jesus da Silva Dantas (2018). Refiro-me, somente, aos trabalhos publicados. Entretanto, tenho notícias de monografias acadêmicas de pouca circulação, que se debruçam sobre a vida da historiadora sergipana.

Além de referência fundamental para os estudos de História de Sergipe, a obra de Thetis se tornou objeto dos estudos de História da Historiografia Sergipana. Autores como Jorge Carvalho do Nascimento (2003), Itamar Freitas (2007), Antônio Fernando de Araújo Sá (2011) e Samuel Albuquerque (2021) trataram de avaliar o lugar da obra de Thetis na história dos nossos fazeres historiográficos. Muito recentemente, Terezinha Alves de Oliva presenteou-nos com uma peça que considero das mais relevantes nas celebrações do centenário de Thetis: o prefácio das obras recém-reeditadas pela Editora SEDUC. O texto de Terezinha é a mais completa e mais precisa avaliação do conjunto da obra de Thetis. Porém, é para tratar de outra vertente da recepção crítica à obra em questão que escrevo agora.

Cristiane Vitória de Souza, em seus estudos sobre a constituição do campo intelectual em Sergipe no século XX, demonstrou como, em regra, vigorou e vigora entre nós o elogio entre os pares, dando pouco espaço e até inibindo apreciações críticas da nossa produção intelectual.

Felizmente, Thetis não esteve blindada a críticas de todos os tipos à sua obra: críticas públicas ou não, honestas ou não, imparciais ou visivelmente pessoais.

Há críticas e críticas, evidentemente. Amâncio Cardoso, historiador cuja produção é, para mim, de excelência, resenhou obras de Thetis. Concordo com parte dos senões apontados por Amâncio e julgo que seus textos são peças importantes à fortuna crítica da obra da historiadora. Refiro-me às resenhas *A província em retalhos* (2004) e *A província vista do alto* (2006), publicadas na imprensa, sobre os livros *Sergipe Provincial I* (2000) e *Sergipe Provincial II* (2006).



Amâncio está certo, por exemplo, ao destacar que, nas obras de Thetis sobre Sergipe oitocentista, o excesso de temas e dados arrolados em um único capítulo gera, por vezes, uma narrativa confusa, que embaça a clareza do texto.

Muitas vezes a abordagem anunciada, a lente interpretativa declarada pela autora, que é a do materialismo histórico e dialético, desaparece em uma narrativa de sabor factual, positivista, gerando escassez interpretativa. Ainda assim, considero que este hibridismo teórico não é novidade em nossa historiografia. O professor Francisco José Alves, em sua tese-livro *A rede dos conceitos* (2010), demonstrou como a historiografia legada por Felisbello Freire é marcada por esse hibridismo teórico. Nem de longe, Felisbello foi o evolucionista puro sangue que se autodeclarava.

Assim como Amâncio, que não deixou de destacar méritos nos trabalhos resenhados, concordo que a heurística é a marca indelével da obra de Thetis:

[...] [a autora] mantém um importante e generoso costume dos historiadores do século XIX [...]: a transcrição de documentos, ou parte deles. Assim, ela presta serviço, por um lado, aos neófitos da área que buscam temas para os trabalhos acadêmicos, ou aos professores que utilizam fontes em suas aulas; bem como possibilita ao leitor comum “saborear” o passado através da leitura dos testemunhos de época (Cardoso, 2006).

As críticas à obra de Thetis, porém, nem sempre se mostram publicamente. Nem sempre são honestas ou corajosas o suficiente para não temerem sua veiculação na imprensa, por exemplo.

A crítica depreciativa e que ambiciona demolir o legado de Thetis se fez e se faz no cotidiano dos corredores e salas de aula da universidade. Ela é direcionada, sobretudo, a estudantes que não conhecem ou que ainda não possuem erudição suficiente para avaliar uma obra como a de Thetis. Busca-se, dessa forma, desestimular o interesse pela autora e por sua obra. Busca-se lançá-la ao esquecimento, ao desprestígio, ao mesmo destino que vai se desenhando

para parte dos seus críticos, senhores de línguas hábeis e penas preguiçosas ou miúdas em talento.

Refletindo sobre essas questões, sobre as críticas mais apaixonadas à obra de Thetis, veio em meu socorro um velho judeu alemão, que, não raro, empresta-me as lentes a partir das quais meu olhar penetra às brumas do passado. Refiro-me ao sociólogo Norbert Elias (1897-1990), conhecido por sua teoria do processo civilizador e da figuração social.

Lendo as reflexões de Elias na obra *Sobre o tempo*, enxerguei e segui a trilha que me conduziria a uma interpretação da recepção crítica à obra de Thetis, notadamente à recepção que, agindo nos bastidores acadêmicos, promove a crítica pela crítica e busca detrair o legado intelectual da autora.

Vertida do original alemão, intitulado *Über die Zeit*, publicado em 1984 pela Suhrkamp Verlag, a obra *Sobre o tempo* foi publicada no Brasil em 1998, pela editora Jorge Zahar, do Rio de Janeiro. Como sugere o título, trata-se de um estudo sobre o tempo como instituição social que assumiu diferentes feições no “correr do tempo” e em diferentes espaços.

Em um dado momento da obra, Elias atentou ao fato de que os antigos provérbios difundiam, dentre outras coisas, peculiares percepções de tempo. É, exatamente, sua análise sobre as funções dos provérbios o que me interessa neste momento.

Segundo Elias,

[...] nas sociedades mais recentes, [os provérbios] podem afigurar-se um componente do folclore dos ancestrais, como uma forma literária que mais pertence ao passado do que ao presente. Nas sociedades mais antigas, em certas etapas de seu desenvolvimento, os provérbios representam instrumentos de comunicação indispensáveis. Os membros dessas sociedades servem-se deles, em suas conversas e discussões, como de um meio normal para entenderem uns aos outros, essencialmente da mesma maneira que os membros das sociedades mais recentes utilizam símbolos que representam um alto nível de síntese, os

quais eles denominam de ‘abstrações’ ou generalizações (Elias, 1998, p. 143).

Aprofundando sua reflexão sobre os provérbios, o sociólogo registrou:

As generalizações de caráter mais impessoal, que representam um grau superior de distanciamento, às vezes são muito mais precisas e unívocas. Ao mesmo tempo, entretanto, falta-lhes flexibilidade e calor afetivo. Como meios de comunicação, os provérbios, em certo sentido, mantêm-se em aberto; com frequência, são menos precisos e mais ambíguos. Muitas vezes, só adquirem uma significação unívoca através da própria situação a respeito da qual são utilizados. Mas é comum eles serem perfeitamente oportunos em determinadas situações (Elias, 1998, p. 143-144).



Afinal, onde está a relação que quero traçar entre Maria Thetis Nunes, Norbert Elias e os provérbios? Passemos a resposta...

Explorando o romance *A flecha de Deus* (1964), de Chinua Achebe, Elias transcreve um provérbio nigeriano que, com algumas variações, aparece várias vezes na referida obra e que, em síntese, diz: “A mosca que se pavoneia sobre um monte de merda está perdendo tempo; o monte será sempre maior do que ela”.

Segundo Elias, “na linguagem de uma ‘abstração’ superior, poderíamos com isso estar falando de um homem que quer se fazer passar por algo melhor do que é”. No mais, o autor ressalta que, “se procurássemos uma metáfora, poderíamos dizer: ‘É como aquele crítico que achava Shakespeare um dramaturgo ruim’” (Elias, 1998, p. 144).

Pois bem! Para mim, foi impossível partilhar dessas reflexões de Elias sem relacioná-las às ações que, no seio da nossa Universidade, visam ridicularizar a pessoa e diminuir a importância da obra de Maria Thetis Nunes.

A ausência de Thetis (que produziu bons livros, mas cultivou poucos discípulos) parece ter dado novo ânimo ao zumbido de “moscas empavonadas” que fazem pouso na Universidade. Elas, essas “moscas empavonadas”, nos trazem a lembrança de películas

antigas, como “A mosca da cabeça branca”, filme norte-americano de fins da década de 1950, que trata da mutação de um cientista em uma mosca gigante.

Ironicamente, as moscas que mais pavoneiam sobre a memória de Thetis costumam, fazendo uso de uma frase de duplo sentido, dizer que “Thetis obrou muito”, insinuando que o legado da historiadora seria um monte de excremento. Temos, dessa forma, os dois elementos básicos que criam uma relação direta com o provérbio nigeriano divulgado por Achebe e Elias: a mosca e o monte de merda. Todavia, o que de fato Thetis legou foi uma obra incontornável para aqueles que se aventuram pelo estudo do passado sergipano e brasileiro.

Enquanto professor e estudioso do oitocentos sergipano, não vacilo ao afirmar que as obras *História da Educação em Sergipe* (1984), *Sergipe Provincial I* (2000) e *Sergipe Provincial II* (2006) são trabalhos de suma importância para a compreensão do processo histórico sergipano ao longo do século XIX. Destacaria duas características básicas nos trabalhos citados: a erudição da autora, que salta aos olhos do leitor (principalmente aos olhos atentos às notas de rodapé ou de fim de texto); e a seriedade com a qual a autora manipula e dá a conhecer as centenas de documentos que explora (e é preciso assinalar que os documentos transcritos nos anexos desses livros são verdadeiros brindes aos leitores e pesquisadores).

Não são textos de sabor literário, os de Thetis. Claramente, ela buscou, em sua historiografia, tornar menos tênue a linha que separa História e Literatura. Se quiserem encontrar uma Thetis mais desenvolta, menos cientista e mais literata, garimpem os não poucos artigos sobre temas livres que ela publicou na imprensa sergipana ao longo de sua trajetória intelectual. As ricas experiências de uma mulher de letras, que viveu a maior parte do século XX e o início do século XXI, emergem com certa beleza literária desses textos.

De toda sorte, preciso registrar que, na companhia de Elias, dei boas gargalhadas ao perceber a semelhança entre a mosca do provérbio nigeriano e “colegas” que, ao invés de concentrarem suas energias em ações que possam ampliar os horizontes da Historiografia Sergipana, insistem em detratar Thetis e sua obra.

Considero pouco provável que esses críticos escapem à sombra da montanha representada pela contribuição de Thetis à tradição historiográfica sergipana, montanha que, figurativamente, pode ser representada pela Serra de Itabaiana, um marco da paisagem da terra natal de Thetis.

Certo para mim é que, nas gerações futuras, Thetis continuará sendo lida e discutida. Novas moscas, possivelmente, continuarão dando voltas sobre o seu legado, mas, assim como os insetos de outrora, acabarão sepultadas e esquecidas no sopé da montanha que esse legado representa.

Referências

ALBUQUERQUE, Samuel. A missão de uma educadora alemã em Sergipe (1861-1879). *Cinform*, Aracaju, 14-20 jul. 2003, caderno Cultura & Variedades, p. 6.

_____. *Felisbello, Thetis e Ibarê: contribuição aos estudos de História da historiografia*. São Cristóvão: Editora UFS, 2021.

ALVES, Francisco José. *A rede dos conceitos: uma leitura da historiografia de Felisbello Freire*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2010.

AMADO, Genolino. *Um menino sergipano: memórias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977.

BRITTO, Clóvis Carvalho; SANTOS JÚNIOR, Roberto Fernandes dos; e DANTAS, Rafael Jesus da Silva. *Sob os véus de Mnemosyne: a imaginação museal de Maria Thetis Nunes*. São Cristóvão: Editora UFS, 2018.

CARDOSO, Amâncio. A província em retalhos. *Sergipe Mais*, Aracaju, 05 fev. 2004, p. 27.

_____. A província vista do alto. *Jornal da Cidade*, Aracaju, 30 out. 2006, caderno C, p. 04.

DANTAS, Ibarê. *Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel (1825/1909): o patriarca do Serra Negra e a política oitocentista em Sergipe*. Aracaju: Criação, 2009.

_____. Maria Thetis Nunes (06.01.1923 a 25.10.2009). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, Aracaju, n. 39, p. 15-19, 2009.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FORTES [NETO], [José] Bonifácio. *Felisbello Freire: o homem público, o escritor e o constitucionalista*. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 1958.



FREIRE, Felisbello Firmo de Oliveira. *História de Sergipe (1575-1855)*. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1891.

FREITAS, Itamar. *Historiografia Sergipana*. São Cristóvão: Editora UFS, 2007.

GUARANÁ, Armindo. Doutor Felisbello Firmo de Oliveira Freire. In: *Diccionario bio-bibliographico sergipano*. Rio de Janeiro: Pongetti & C, 1925. p. 83-86.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *Historiografia educacional sergipana: uma crítica aos estudos de História da Educação*. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, 2003.

NUNES, Maria Thetis. *História da Educação em Sergipe*. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1984.

_____. *Sergipe Provincial I (1820/1840)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

_____. *Sergipe Provincial II (1840/1889)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.

OLIVA, Terezinha Alves de. A herança de Maria Thetis Nunes para um Sergipe Bicentenário. In: NUNES, Maria Thetis. *História da Educação em Sergipe*. 3 ed. Aracaju: Editora SEDUC, 2022. p. 11-23 (prefácio constante, também, em outras obras de Thetis reeditadas pela Editora SEDUC em 2022).

OLIVEIRA, João Paulo Gama. *A formação do professor de História da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: entre disciplinas, docentes e conteúdos (1951-1962)*. São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

_____. *Caminhos cruzados: itinerários de professores do ensino superior sergipano (1915-1954)*. São Cristóvão/SE, 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de Sergipe.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. A historiografia sergipana nos últimos 50 anos: tentativa de avaliação crítica. In: Glezer, Raquel (Org.). *Do passado para o futuro: edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 343-360

SANTOS, Maria Nely. *Professora Thetis: uma vida*. Aracaju: Gráfica Pontual, 1999.

SOUZA, Cristiane Vítório de. *A “República das Letras” em Sergipe (1889-1930)*. São Cristóvão, 2001. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História/Universidade Federal de Sergipe.

_____. A “República das Letras” em Sergipe (1889-1930). *Revista de Aracaju*, Aracaju, n. 9, p. 189-208, 2002.





SECÃO TEMA LIVRE

